

## DISCURSO DE NUNO JUDICE

Majestade, Excelentíssimo Senhor Presidente do Património Nacional, Excelentíssimo y Magnífico Senhor Reitor da Universidade de Salamanca, Senhor Embaixador de Portugal, senhoras e senhores, familiares e amigos.

Começo por exprimir o meu agradecimento ao Património Nacional e à Universidade de Salamanca por terem criado este prémio, sobo alto patrocínio de Sua Majestade a Rainha Sofia, que celebra em cada ano a universalidade da poesia ibero-americana nela incluindo a poesia em língua portuguesa. Agradeço ao júri que me escolheu, este ano, e através de mim quis recompensar uma tradição poética que se mantém viva desde a origem da nossa língua, e de que poderei distinguir o rei D. Dinis, na Idade Média, Camões no século XVI e Fernando Pessoa, no século XX. São os maiores de entre muitos outros, e foi com a leitura da sua poesia que descobri o meu caminho, e pude encontrar um espaço em que a voz desse passado continua a ecoar. Diz-se que a poesia é um dos pontos maiores do património cultural português, e é verdade que nos tempos difíceis da nossa História, e muitos foram, e ainda são neste tempo de crise, a voz dos poetas reflectiu a dor e a esperança colectivas, e abriu sempre um horizonte luminoso através da beleza que nos seus versos encontrou uma expressão em que se reflecte a nossa identidade mais profunda.

Sinto-me feliz por suceder a poetas de quem fui e sou amigo, e nalguns casos também tradutor, como é o caso de Alvaro Mutis em cuja poesia encontro o interesse pela História comum da Península Ibérica, e por protagonistas como D. Sebastião e Filipe II; mas devo uma palavra especial para com os dois poetas de língua portuguesa que me antecederam neste

prémio: João Cabral de Melo Neto e Sophia de Mello Breyner Andresen. Foi Sophia, que me distinguiu com a sua amizade, quem me chamou a atenção para a exactidão da palavra em João Cabral, e nele encontrei essa limpidez que já conhecera, na minha adolescência, ao ler Garcia Lorca. E foi também com Sophia que aprendi a necessidade de enunciar a palavra com todas as suas sílabas, não perdendo um som e tendo em atenção o rigor de um dizer que tem de passar pela leitura em voz alta para que ao ouvir o poema se apreenda a música de uma língua e a riqueza de todas as suas sonoridades.

Mas se a procura da música das palavras pertence ao princípio técnico da fabricação do poema, ele tem de ser mais do que isso. O poema tem de dizer alguma coisa ao leitor, e comunicar-lhe uma chave para que ele possa encontrar a saída para a inquietação e a angústia do presente, ou constituir uma revelação de algo que nos transcende e nos permite sentir de uma forma mais essencial e completa aquilo que vivemos. Antonio Machado e São João da Cruz, no vértice de cada uma destas orientações, fizeram parte dos meus Mestres; mas talvez tenha aprendido o imaginário poético como princípio do sonho com um dos primeiros livros que me fascinou, na infância: uma versão adaptada para crianças do «Dom Quixote» que minha avó paterna me oferecera pouco antes de morrer, quando eu teria oito ou nove anos. O que esse livro me ensinou foi a ver a dupla imagem que todas as coisas do mundo podem ter, e que o olhar de Quixote ia transformando na sua viagem em busca de Dulcineia, imaginando-se cavaleiro do Graal na companhia de um prosaico Sancho Pança que o tentava trazer de volta para a realidade.

E se o poeta tem a capacidade de converter o real em sonho, ele também terá de ter dentro de si a consciência de que o seu lugar é na Cidade, cumprindo a missão de descobrir, na sua viagem pela terra, a passagem para outros mundos em que o efémero se perpetua e o banal se

sublima. Só a literatura tem o poder de operar essa transmutação da noite em dia, da morte em amor; e só a poesia nos eleva a essa dimensão em que uma outra vida, a que um amigo já desaparecido, Al Berto, chamou «a vida secreta das imagens», adquire poder que nos liberta e salva dos obstáculos do quotidiano.

Foi isso, Majestade, que guiou o meu percurso poético na procura de transmitir o belo através das coisas mais simples de que fiz a matéria do poema. Quem escreve, e sobretudo quem escreve poesia, pode pensar por vezes que o seu trabalho não é entendido, ou que poucos acedem ao seu universo. Mas uma coisa que me cumpre agradecer foi a emoção que senti, depois de ter sido divulgada a notícia do prémio, com as muitas mensagens de pessoas que não conhecia, e com a gente que vinha ter comigo, na rua, não apenas para me felicitar como para me dizer a alegria que tinham sentido por o prémio ter sido atribuído a um poeta de Portugal. Foi isto num momento particularmente difícil da nossa história recente; e essa notícia contribuiu para aumentar a confiança no valor que temos, no que entendi como aquilo que é, no fundo, o mais nobre desígnio do poeta: a partilha do que sente e do que vê e a entrega da sua poesia a quem a lê e que a faz sua ao descobrir, através dela, uma parte de si. É também a eles, os leitores de poesia, e da minha poesia, que dedico este momento.